

REVISTA *LUCÍA*: UMA MESCLA IRREVERENTE

JOURNAL LUCÍA: AN IRREVERENT MIX

REVISTA LUCÍA: UNA MEZCLA IRREVERENTE



Marina DARMAROS
Estágio de Pós-Doutorado
Universidade de São Paulo
Departamento de Letras Modernas
Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução
São Paulo, São Paulo, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1745619294608064>
<https://orcid.org/0000-0002-9102-7748>
marinadarmaros@gmail.com

Resumo: Em 2021, a irreverente mescla de cultura visual com tradução ganhou foco com uma nova publicação acadêmica gestada em meio à pandemia do coronavírus: a revista *Lucía*. A publicação tem periodicidade anual e foi criada e coeditada pela dupla composta por Fernanda Grigolin, doutora em Artes Visuais pela Unicamp, e Daniella Avelaneda Origuela, doutora em Estudos da Tradução pela USP. *Lucía* vem preencher, a que tudo indica, uma lacuna quanto a autores de países latino-americanos e do sul global em revistas feministas — trazendo também colaborações de autoria de coletivos de nacionalidades múltiplas. É interessante notar também a não institucionalização da revista, já desde seu nascimento, com seu caráter mutável e independente — tanto da academia, como do mercado editorial. A presente resenha se debruça sobre o primeiro número de *Lucía*: o número de estreia do periódico nos dá a oportunidade de refletir sobre seus processos de edição, os temas de seus artigos, ensaios, dossiês e debates produzidos, assim como seus locais geográficos e formações disciplinares de seus autores, com suas diversificadas afiliações epistemológicas.

Palavras-chaves: Revista *Lucía*. Cultura visual. Estudos da tradução. Estudos de gênero.

Abstract: In 2021, an irreverent mix of visual culture and translation was concocted by a new scholarly publication launched in the midst of the coronavirus pandemic: the *Revista Lucía*. The journal is expected to come out annually and was conceived and co-edited by Fernanda Grigolin, PhD in Visual Arts from Unicamp, and Daniella Avelaneda Origuela, PhD in Translation Studies from USP. *Lucía* comes to fill the gap concerning authors from Latin American countries and the global south in feminist journals - and it also features contributions by transnational collectives. It is also interesting to note the non-institutionalization of the journal, and its flexible proposal of being independent both from academia and the publishing market. This review focuses on the first issue of the *Revista Lucía*: the debut edition provides the opportunity of reflecting on the editing processes, the topics addressed in articles, essays, dossiers, and on the discussions that ensue, in addition to the geographical locations and the disciplinary background of the authors, all of which exhibit diverse epistemological affiliations.

Keywords: *Revista Lucía*. Visual Culture. Translation Studies. Gender Studies.

Resumen: En 2021, la irreverente mezcla de cultura visual y traducción llamó la atención con una nueva publicación académica que nació en medio de la pandemia de coronavirus: *Lucía*. La revista se publica anualmente y fue creada y coeditada por Fernanda Grigolin, doctora en Artes Visuales en Unicamp, y Daniella Avelaneda Origuela, doctora en Estudios de Traducción en USP. *Lucía* se propone a llenar, aparentemente, un vacío en cuanto a autoras de países latinoamericanos y del Sur Global en las revistas feministas y, además, cuenta con contribuciones de colectivos de autoras de múltiples nacionalidades. También es interesante destacar la no



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

institucionalización de la revista desde su nacimiento, lo que le da un carácter cambiante e independiente tanto de la academia como del mercado editorial. Esta reseña se centra en el primer número de *Lucía*: el debut de esta revista nos da la oportunidad de reflexionar sobre sus procesos de edición, las temáticas de sus artículos, ensayos, dossiers y debates producidos, así como sobre sus localizaciones geográficas y las procedencias disciplinares de sus autores, con sus diversas filiaciones epistemológicas.

Palabras clave: Revista *Lucía*. Cultura Visual. Estudios de Traducción. Estudios de Género.

Em 2021, a irreverente mescla de cultura visual com tradução ganhou foco com uma nova publicação acadêmica gestada em meio à pandemia do coronavírus: a revista *Lucía*. A publicação tem periodicidade anual e foi criada e coeditada pela dupla composta por Fernanda Grigolin, doutora em Artes Visuais pela Unicamp, e Daniella Avelaneda Origuela, doutora em Estudos da Tradução pela USP. Irreverente, sim. Em entrevista concedida a Luciana Carvalho Fonseca e a Marina Darmaros, especialmente para a elaboração desta resenha, Grigolin explicou um pouco mais desse intento:

2 A ideia era também fazer uma revista que unisse a questão da cultura visual, e não das artes, e pensar a imagem nesse campo mais expandido da cultura visual. Ele faz mais sentido que o lugar um tanto canônico que a arte ocupa e que dita os modos de ver. A ideia era ampliar esse espectro junto com a tradução e pensar de que forma a cultura visual e a tradução se relacionam. Nós não temos respostas para isso. (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021)

Além da mescla inusitada de dois campos do saber que não são frequentemente abordados em conjunto, a publicação revela muito do *background* das coeditoras — principalmente Grigolin —, voltado aos estudos do anarquismo (ver Tabela 1). A revista é definida, em seu primeiro número, como uma “revista feminista de cultura visual e tradução” (Avelaneda & Grigolin, 2021). A edição de estreia foi essencialmente ligada à temática da transversalidade e atravessada visualmente pela obra de Ana Raylander Mártis dos Anjos, na “Série Trabalhos Escolares”, de 2018: “A primeira edição olha para a visualidade e a tradução de forma transdisciplinar e como lugares moventes” (Avelaneda & Grigolin, 2021, p. 5).

A revista *Lucía* abriga textos acadêmicos, dossiês e projetos convidados. “Pensamento de imagem, feminismo interseccional, anarquismo, socialismo, fotografia, sexualidade, corpos trans e não binários, perspectivas decoloniais, anticoloniais e cuir convocam o olhar para as transversalidades das páginas virtuais de *Lucía*” (Avelaneda & Grigolin, 2021). O número de estreia desse periódico nos dá a oportunidade de refletir sobre seus processos de edição, os temas de seus artigos, ensaios, dossiês e debates produzidos, assim como seus locais geográficos e formações disciplinares de seus autores, com suas diversificadas afiliações

epistemológicas. Além da dupla de editoras ligada ao ensino, pesquisa, ativismo e publicação anarco-feminista, a revista conta com um conselho editorial diverso e altamente qualificado, composto por Angela Roberti (Uerj); Denise Camargo (UnB); Fausto Gracia (UAQ/México); Paola Marugán (UAM/México); Laura Fernández Cordero (Cedinci/Argentina); Luciana Carvalho Fonseca (USP); Maria de Fatima Couto Morethy (Unicamp); Maria Teresa Mhereb (USP); Val Sampaio (UFPA) — além do corpo de pareceristas.

Lucía vem preencher, ao que tudo indica, uma lacuna quanto a autoras(es) de países latino-americanos e do sul global em revistas feministas. Sua primeira edição, com 224 páginas, traz 20 textos de autoria de colaboradores provenientes de uma vasta área do Brasil (entre Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Paraná) e de nacionais e estrangeiros com afiliações acadêmicas tão distintas como Bolívia, México e Reino Unido (ver Tabela 2). Há também colaborações de autoria de coletivos de nacionalidades múltiplas, como o *Invasorix*, que se define como um “grupo de trabajo feminista queer/cuir” (Invasorix, 2021), sediado na Cidade do México.

É interessante notar também a não institucionalização da revista, já desde seu nascimento, com seu caráter mutável e independente — tanto da academia, como do mercado editorial. Sobre isso, Fernanda Grigolin afirmou em entrevista:

A Tenda de Livros¹ sempre foi muito vinculada à pesquisa e nasceu como uma prática de pesquisa do meu mestrado — ela não ia ser uma editora, mas se tornou ao longo do tempo. Por exemplo, no projeto *Charlas y Luchas*, eu não estou sozinha, mas com a [historiadora] Aline Ludmila. Já faz quase um ano que Aline é parte das atividades . . . relacionadas ao livro da [ativista e pensadora anarco-feminista] Maria A. Soares. O projeto mudou ao longo do tempo: ele se iniciou muito vinculado a mim, uma coisa muito individual e pessoal de pesquisa, e agora ele se transforma, passa a ser um outro lugar, e talvez a Tenda de Livros já não exista mais no ano que vem e possa vir a existir um novo projeto onde as meninas tenham ainda mais parte. Mas a *Lucía* é um projeto do qual a Daniella [Origuela] tem tomada de decisões, o pensar da edição... As duas são editoras, e eu não edito só. (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021)

Enfrentando todas as precariedades da educação no Brasil, a revista *Lucía* também vem reafirmar os esforços anarquistas em prol do conhecimento de narrativas outras. Ou, por que não, narrativas “outres”, já que tantos dos textos da publicação fazem uso de linguagem inclusiva: tanto na acepção binária, que se estabeleceu no país a partir da década de 1980, como o já posterior uso do “x” em lugar do “o” de palavras masculinas/plurais, e também dos mais recentes substitutos desse, “e” e “u”. Esse tipo de escrita, usada timidamente na maioria dos

periódicos acadêmicos, é corrente em *Lucía*. Vale lembrar que a iniciativa da revista em aceitar o uso dessas estratégias de escrita inclusiva é louvável, principalmente no atual contexto brasileiro conservador. Destacam-se nele a proibição feita pelo governador de Santa Catarina, Carlos Moisés da Silva (PSL), em junho de 2021, e o debate gerado pela tramitação de projeto de lei no Congresso para proibição nacional da linguagem “neutra”. Tem sido gerada toda uma polêmica pública em torno do tema — inclusive com a publicação de opiniões opostas, como no caso da seção Tendências/Debates da Folha de S. Paulo do dia 30 de julho de 2021, com o texto “O projeto de lei que proíbe a linguagem neutra deve ser aprovado no Congresso?” (Capitão Derrite, 2021).

Em seu dossiê (*Anarco*)*Transcrição*, que compõe o primeiro número de *Lucía*, Mirna Wabi-Sabi defende a linguagem inclusiva da seguinte forma:

4 Por que não generalizar o masculino? Lidar com o masculino como neutro é que nem lidar com a branquitude como tal — uma ferramenta hegemônica do patriarcado-branco-capitalista. Acredito que essa generalização resulta na invisibilização da perspectiva feminina (em todas as suas pluralidades). A produção intelectual cis-masculina é descrita como neutra e vista como sendo para todas as pessoas, enquanto a produção intelectual feminina é sempre descrita como tal e vista como feita para mulheres. (Wabi-Sabi, 2021, p. 145)

Já a dupla tradutora de Sylvia Pankhrust formada por Helena Barbosa e Maria Teresa Mhreb explica da seguinte forma sua escolha de discurso em *Lucía*:

Encaramos a não marcação de gênero no inglês (que ocorre para adjetivos e substantivos), de um ponto de vista feminista, que, além de ser o nosso, julgamos evidentemente mais adequado para o pensamento-prática da autora: ao lidar, por exemplo, com o termo *workers*, optamos pela tradução ‘trabalhadoras e trabalhadores’. (Via de regra, ao traduzir substantivos, inserimos o feminino em primeiro lugar; o masculino só aparece antes do feminino nos casos em que entendemos que as críticas da autora se dirigiam especialmente aos homens). (Mhreb & Barbosa, 2021, p. 168)

Origens

Conforme explica Grigolin (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021), seu projeto Tenda de Livros contava com uma série chamada “Pretexto”,² em que temas escolhidos eram discutidos com acadêmicos e artistas. Mas, com a entrada de Daniella Origuela, a ideia de uma continuação da série, a “Pretexto-2”, saiu de cena e deu lugar à *Lucía*, cujo título remete a três grandes pensadoras de nomes semelhantes: Lucía Sánchez Saomil, uma das *Mujeres Libres*, agrupação espanhola e revista de grande relevância durante a Revolução Espanhola e

nos anos 1930; Luce Fabbri, ítalo-uruguaia e teórica do anarquismo muito importante na América Latina que escreveu livros como *Camisas Negras*, sobre o fascismo na Itália, e *Fascismo: definição e história*;³ e Lucy Parsons, mulher negra anarquista estadunidense

devido à qual temos o primeiro de maio: o marido dela foi um dos mártires de Chicago e condenado à morte, e ela passou a lutar pelos direitos das pessoas trabalhadoras e a revigorar o ocorrido com o marido e outros homens que morreram na ocasião. (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021)

A veia anarquista que une as três também remete à experiência de Grigolin (hoje, aos 41); ela esteve focada na militância anarco-feminista dos 15 aos 28 anos de idade, participando de muitas publicações coletivas:

No começo, eu fazia intuitivamente, mas, a partir dos 20 anos, foi uma experiência que atravessou minha vida, sempre editando as publicações dos coletivos dos quais fazia parte. [...] Fiz parte do meu doutorado-sanduíche no México com a Rían Lozano, cuja atuação no âmbito da cultura visual trabalha bastante com tradução, mas em uma perspectiva da Donna Haraway quanto à questão da tradução . . . Enveredei no campo da tradução para verter textos anarquistas que faziam sentido para mim e que ninguém traduzia. Considero-me mais tradutora de anarquismo que de quaisquer outras coisas. (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021)

5

Interdisciplinaridade Inerente

O caráter altamente interdisciplinar da revista condiz com a própria produção no campo dos estudos de gênero que se estabeleceram no Brasil entre os anos 1980 e início dos anos 1990. Os campos de pesquisa de colaboradores e editores de *Lucía*, dessa forma, concentram-se na ampla área das ciências humanas e sociais. A editora Grigolin explica a abordagem de *Lucía* da seguinte maneira:

Analisamos questões de modo a pensar a tradução sob uma perspectiva também cultural. Muitas vezes, olhamos para a tradução de uma perspectiva das letras, porque isso é natural, já que ela comporta uma disciplina da tradução. Mas a tradução olhada num campo cultural também faz bastante sentido e sabemos que, ao traduzir, estamos fazendo um encontro com uma outra cultura. (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021)

Nesse sentido, a pesquisadora Roberta Navas Battistella é cirúrgica ao traduzir a importância do registro de imagens no mundo contemporâneo. Seu ensaio joga luz à reflexão, em pleno 2021, de eventos ainda posteriores a sua publicação, como o incêndio da Cinemateca

Brasileira, em São Paulo, e o recente — e questionável — uso pioneiro do *deep fake* no documentário *Roadrunner*, em que se recoloca na boca do chef Anthony Bourdain palavras que ele teria proferido à revista *The New Yorker*, mas que não haviam sido, de modo algum, registradas em vídeo.⁴

Entramos no manifesto pós-fotográfico [de Joan Fontcuberta]: que tipo de imagens vão seguir comunicando algo? Vivemos a repetição, a linearidade, com a presença de um grande conjunto de imagens similares para falar do mesmo tema, ou seja, uma saturação incalculável. As outras funcionalidades do dizer, que mesclam o documental e a ficção e provocam acontecimentos para se criar um mundo para fotografar, emergem cada vez mais influentes. Que gestos e mecanismos criam as histórias? Quais são os usos dessas produções? Afinal, já sabemos que não existe uma noção acabada da realidade. Uma das capacidades das imagens é a de continuar, de dar sentido a um relato, de persistir, de ser resíduo. É como dizer que na sua natureza polissêmica vive tal diversidade de significados, que também são gerados por quem recebe e não necessariamente só por quem emite; e que sim, podemos fazer isso a distância. (Battistella, 2021)

6

O texto de Battistella, com um toque de relato confessional⁵ também encontrado em muitas das outras contribuições de *Lucía* — que de forma alguma diminui sua importância, como é praxe estabelecida na academia, já que “além dos poderes concretos que possuem, [os homens] revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens” (Beauvoir, 2019, p. 17) —, trata principalmente de uma busca por si no fazer coletivo. O resultado de um “infiltrar-se” em atividades em dupla, trio ou em grupo é o que busca a pesquisadora, chegando a conclusões várias: “Fomos reconhecendo que estar em coletividade representa tecer, seja em um nível interno, seja em um nível externo” (Battistella, 2021, p. 54). Seu discurso também apresenta ao/à leitor/a interessado/a em um importante pilar do feminismo, as alianças entre feministas: “Naquele espaço virtual, conseguimos aprender e colocar em prática nossa subjetividade a favor de um fazer juntas” (Battistella, 2021, p. 54) .

O texto *Epistemologia Ruminante*, de Lucrecia Masson Córdoba, traduzido por Sigríd Beatriz Varanis Ortega (Ortega, 2021) também tange o assunto. Em seu ensaio, Córdoba defende um “feminismo gordo” em uma espécie de manifesto ruminante que se opõe ao futurista de 1908 de Marinetti, onde o italiano faz uma “ode à velocidade, à força, ao ser forte e ser jovem”:

Há sujeitos com a possibilidade de produzir a verdade, de gerar um relato onde se conta a verdade sobre o mundo e outros são atores nesse relato. Quem pode pensar a totalidade sempre ocupa os lugares hegemônicos. Como podemos nós, as ruminantes, também ser produtoras de verdade? Necessitamos novos modos... (Ortega, 2021, p. 125)

O artigo de Ana Maria Castro Sanchez, “Partir de sí... forjar y andar el camino de la producción de narrativas sobre la acción política artística feminista” (Sanchez, 2021), corrobora nesse sentido e ainda amarra, em conjunto com outros na revista, um continente aparentemente desunido, que é o da América Latina (meta colocada também, por exemplo, no texto da mexicana Rían Lozano e se debruça sobre o *cuír* versus o *queer*), ao mesmo tempo em que problematiza a relação ativismo-academia. Esta relação, porém, mostra um caminho natural no texto introdutório da pesquisadora Amy Jo Wethrop a suas traduções para o inglês das irmãs Soares:

O que é tradução? Por que traduzir? O que está realmente em jogo?

A tradução é um processo que une experiência, pesquisa e comunicação, um processo que viaja por diferentes territórios e atravessa fronteiras. É uma oportunidade de expandir um mundo limitado de uma só língua. Ela dá às pessoas a chance de ler, ouvir, escutar, assistir ao que tem sido produzido em outras línguas e outras culturas. Ela dá a outros pensadores, poetas, letristas e cineastas a oportunidade de se expressarem em outras palavras, mas essa oportunidade não é ingênua ou apolítica.

...

O que é interessante, porém, é que, no início do século XX, um grupo de mulheres brasileiras já publicava artigos que criticavam o modelo tanto liberal como oligárquico e previam qual seria o impacto do que elas consideravam ser o “feminismo político”. Essas mulheres eram anarquistas e buscavam promover olhares libertários quanto à condição social das mulheres e à emancipação delas.⁶ (Westrop, 2021, p. 96, tradução nossa)

Esses esforços anarco-feministas são ostensivamente documentados na revista. Além das irmãs Soares, surgem ali figuras como a escritora Ercília Nogueira Cobra, com seus textos “Virgindade Anti-Higiênica” (1924) e “Virgindade Inútil: Novella de uma Revoltada” (1927), que defendem a total liberdade sexual para a mulher com o intuito de ensinar-lhe a autossuficiência e a capacidade de viver em harmonia com o mundo a seu redor. O último chegou a ser publicado, quando de sua volta de Paris ao Brasil, por Monteiro Lobato, mas foi retirado de circulação por suas críticas à religião, ao casamento e à educação feminina. Em *Lucía*, o ensaio “Virgindade Inútil” ganha uma “tradução visual” em forma de *graphic novel* por Aline Lemos.

Conclusões

A revista *Lucía* se revela uma nova opção interdisciplinar a reunir estudos da tradução e cultura visual, ampliando os rumos das artes e das letras na academia com uma alta camada de feminismo político. Em seu número de estreia, a publicação mostra seu intento de se debruçar mais sobre a América Latina e reunificar suas questões. Podemos verificar ali uma vasta quantidade de colaboradores/as provenientes do continente, assim como sua obstinação em tratar de temas que nos concernem a todes e que são inerentes a nossa formação.

Além disso, ao mesmo tempo em que as editoras de *Lucía* buscam a indexação dos artigos da revista com o chamada DOI (Digital Object Identifier) (F. Grigolin, comunicação pessoal, 2 de julho de 2021), como espécie de respaldo e gratificação a seus colaboradores, é irreverente como a revista não se inclina à linguagem acadêmica convencional e até mesmo o fato de alguns dos colaboradores — ainda que pós-graduados/pós-graduandos — omitirem sua titulação nas minibiografias de rodapé que surgem na primeira página de cada colaboração.

Nos anos que se mostram, por ora, os piores das últimas décadas no Brasil, quando a tragédia anunciada se consuma e há um real genocídio em curso facilitado pela pandemia do coronavírus, quando os estudos de gênero experimentam a oposição de forças obscurantistas que visam a sua eliminação, assim como das ciências em geral, além da abertura dada a que se profiram discursos permeados de preconceitos quanto a cor, classe, gênero e opção sexual sem quaisquer circunlóquios, é um ato de bravura das editoras a criação de *Lucía* e sua linha editorial.

Tabela 1 — *Temáticas/áreas da edição número 1 da revista Lucía*

Anarquismo	Comunismo	Socialismo	Negritude	Individualidades e coletivos no movimento feminista	Cuir
“Arte e vida como “chamas gêmeas da revolta” na obra de Emma Goldman”	"Dossiê: Sylvia Pankhurst"	“Despierta , Mujer, Despierta” : Reconocer el Legado de María Cambrils e Imaginar Juntas Una Ciudad de las Mujeres”	"Por mais mulheres negras na biblioteca"	“Des/aprendiendo el pasado para futuros diferentes una lectura de tarot en el mes viii de 2020 (en años terrícolas)”	“Solunares” (RGB)

“Anarchism and translation through the writings of the Soares sisters”			“Hip-hop e antiproibicionismo: as mulheres do rap e o debate antiproibicionista na cidade de Salvador”	“A fotografia como um caminho para o fazer coletivo: descobrindo a irreverência de ser – e ver – com mulheres latino-americanas”	“Visualidade s cuir, imaginários sobreviventes , de Rían Lozano De La Pola”
“Cobra, Ercília Nogueira”			“A educação em ciências e saúde a partir de vozes-mulheres: uma proposta didática para abordagem do tema saneamento básico no ensino fundamental”	“Quanto custa uma língua? Notas sobre práticas de tradução desde dentro do projeto decolonial”	
“Cuando el Amor Muere: Cotejo Visual com Maria Lacerda de Moura”			“Pensamento Por Imagem: Evento Sexual-Racial Científico”	“Sex 2018” (fabiana Faleiros)	
				“Epistemologia Ruminante, de Lucrecia Masson Córdoba”	
“(Anarco)Transcrição”				“A promessa como procedimento artístico”	

Tabela 2 — *Colaborações, autores e afiliações*

Título	Autor	Afiliação
Pensamento Por Imagem: Evento Sexual-Racial Científico	Marina Feldhues	Doutoranda do curso de Comunicação da UFPE
Des/aprendiendo el pasado para futuros diferentes una lectura de tarot en el mes viii de 2020 (en años terrícolas)	Invasorix	Grupo de trabalho feminista queer/cuir
“SEX 2018”	Fabiana Faleiros	Doutora em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
“Arte e vida como “chamas gêmeas da revolta” na obra de Emma Goldman”	Larissa Tokunaga	Doutoranda em em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pelo Diversitas/USP pelo Centro de Cultura Social (CCS)
“A fotografia como um caminho para o fazer coletivo: descobrindo a irreverência de ser – e ver – com mulheres latino-americanas”	Roberta Navas Battistella	Doutoranda em Estudos Culturais Latino-Americanos na Universidad Andina Simón Bolívar
“Partir de sí... forjar y andar el camino de la producción de narrativas sobre la acción política artística feminista”	Ana Maria Castro Sanchez	Docente na Universidad del Tolima y jirón de la Matilha Paganas de la Percusión, en Ibagué - Colombia

Título	Autor	Afiliação
“Cobra, Ercília Nogueira”	Aline Lemos	Mestre em História e Culturas Políticas pela UFMG (2008-2014)
“Solunares”	Beatriz Regina Guimarães Barboza	Pesquisadora em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
“Cuando el Amor Muere: Cotejo Visual com Maria Lacerda de Moura”	Fernanda Grigolin	Doutora em Artes Visuais na Unicamp
“Anarchism and translation through the writings of the Soares sisters”	Amy Jo Westthrop	Mestranda em História e Política no CPDOC-FGV (Rio de Janeiro), formada em estudos latino-americanos e hispânicos pela University of Liverpool (UK)
Visualidades cuír, imaginários sobreviventes, de Rían Lozano De La Pola	Tradução de Daniella Avelaneda Origuela	Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Estudos Linguísticos e Literários em inglês pela mesma universidade
Epistemologia Ruminante, de Lucrecia Masson Córdoba”	Tradução de Sigrid Beatriz Varanis Ortega	Estudante de História na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) PR
“Quanto custa uma língua? Notas sobre práticas de tradução desde dentro do projeto decolonial”	Julia Raiz	Doutorando em Letras 2018 - Universidade Federal do Paraná Rodrigo Tadeu Gonçalves
“(Anarco)Transcrição”	Mirna Wabi-Sabi	Fundadora da revista A Inimiga Da Rainha e do coletivo de mídia Plataforma9
“Sylvia Pankhurst”	Maria Teresa Mhereb e Helena Barbosa	Helena é mestra em Estudos da Tradução pela USP e Maria Teresa é Letras Estrangeiras e Tradução da FFLCH-USP
“A promessa como procedimento artístico”	Ana Raylander Mártis dos Anjos	Ana Raylander Mártis dos Anjos nascida no cafundó do mundo, atua de forma transversal. Artista trans. bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) e em Arte e Multimídia pela Escola Superior Gallaecia (Portugal)
“Por Mais Mulheres Negras na Biblioteca!”	MNB – Mulheres Negras na Biblioteca Universidade Federal de São Paulo)	Carine Souza é estudante de Letras; Juliane Sousa é formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo
“Despierta, Mujer, Despierta”: Reconocer el Legado de María Cambrils e Imaginar Juntas Una Ciudad de las Mujeres”	Paola Marugan	Doutoranda em Estudos Feministas da Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Xochimilco (UAM-X), Ciudad de México
“Hip-hop e antiproibicionismo: as mulheres do rap e o debate antiproibicionista na cidade de Salvador”	Camila Negretta Moreira	Bacharela interdisciplinar em Artes (Ufba), graduanda de Design e Programação Visual (Ufba)

Título	Autor	Afiliação
“A educação em ciências e saúde a partir de vozes-mulheres: uma proposta didática para abordagem do tema saneamento básico no ensino fundamental”	Brenda Iolanda	Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRJ). Mestranda em Educação em Ciências e Saúde (NUTES-UFRJ)

Agradecimentos

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº 2021/00445-9. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

REFERÊNCIAS

Avelaneda, Daniella, & Grigolin, Fernanda (Ed.). (2021, março). *Revista Lucía*, 1(1), 1–224.

Avelaneda, Daniella, & Grigolin, Fernanda. (2021, março). Lucía 1: Um lugar de tradução como movimento visual ou um lugar visual como movimento de tradução. *Lucía*, 1(1), 5.

Battistella, Roberta Neves. (2021). A fotografia como um caminho para o fazer coletivo: Descobrimo a irreverência de ser – e ver – com mulheres latino-americanas. *Lucía*, 1(1), 44–56.

Beauvoir, Simone. (2019). *O segundo sexo, vol. I: fatos e mitos*. Nova Fronteira.

Capitão Derrite. (2021, 30 de julho). O projeto de lei que proíbe a linguagem neutra deve ser aprovado no Congresso? *Folha de S.Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2021/07/o-projeto-de-lei-que-proibe-a-linguagem-neutra-deve-ser-aprovado-no-congresso-sim.shtml>

Grigolin, Fernanda. (2021, 2 de julho). *Videoconferência de Fernanda Grigolin com Luciana Carvalho e Marina Darmaros* [Comunicação pessoal].

Invasorix. (2021). Des/aprendiendo el pasado para futuros diferentes una lectura de tarot en el mes viii de 2020 (en años terrícolas). *Lucía*, 1(1), 17–23.

Mhereb, Maria Teresa, & Barbosa, Helena. (2021). Dossiê Sylvia Pnkhurst. *Lucía*, 1(1), 164–177.

Ortega, Sigrid. (2021). Epistemologia Ruminante, de Lucrécia Masson Córdoba. *Lucía*, 1(1), 121–129.

Sanchez, Ana Maria Castro. (2021). Partir de sí... forjar y andar el camino de la producción de narrativas sobre la acción política artística feminista. *Lucía*, 1(1), 57–68.

Tenda de Livros. (s.d.). Recuperado em 4 de agosto de 2021, de <https://tendadelivros.org/>

Wabi-Sabi, Mirna. (2021). (Anarco)Transcrição. *Lucía*, 1(1), 141–163.

Westthrop, Amy Jo. (2021). Anarchism and translation through the writings of the Soares sisters. *Lucía*, 1(1), 95–103.

¹ A Tenda de Livros é o projeto de produção, edição, circulação e pesquisa de livros e publicações criado por Grigolin do qual a revista *Lucía* faz parte. Como se lê no site do projeto, a Tenda de Livros “começou como duas barracas geminadas no Parque da Independência [em São Paulo] no ano de 2014, todo domingo, e ficou por lá ao longo de um ano. A Tenda já realizou projetos na Oficina Cultural Oswald de Andrade (São Paulo), na Biblioteca Aeromoto (México), na Escola de Arte e Design de Caldas da Rainha (Portugal), no Museu da Universidade do Pará/Diário Contemporâneo (Belém/Pará). Promoveu o debate *O Livro: um lugar para a fotografia* (SESC Consolação, 2016). Foi proponente de atividade para o Fórum da Awid, Fazendo Gênero (o segundo em parceria com o projeto Armazém), promoveu publicações coletivas como o *Jornal de Borda* (iniciado em 2015 e que circula no Brasil e na América Latina). Atualmente a Tenda de Livros realiza a revista acadêmica *Lucía* e outros 4 projetos relacionados às publicações e suas formas de circulação.” (*Tenda de Livros*, [s.d.]

² Disponível no site da Tenda de Livros. Cf.: https://tendadelivros.org/wp-content/uploads/2020/04/SERIE_PRETEXTO_EDICAO_PUBLICACOES_FOTOGRAFIA.pdf

³ Disponível gratuitamente no site da Tenda de Livros: <https://tendadelivros.org/lucefabbri/>

⁴ Cf.: Rosner, H. (2021, julho 17). The Ethics of a Deepfake Anthony Bourdain Voice. *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/culture/annals-of-gastronomy/the-ethics-of-a-deepfake-anthony-bourdain-voice>

⁵ Afinal, corroborando não só à defesa do “lugar de fala” como à de um discurso mais confessional, que lance luz a detalhes mais intimistas da história, lembremos de Poulain de la Barre: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte.” (como citado em Beauvoir, 2019, p. 18)

⁶ What is interesting, however, is that at the beginning of the 20th century a group of Brazilian women were already publishing articles which criticized the both liberal and oligarchical model and predicted what would be the impact, of what they considered to be, “political feminism”. These women were anarchists and sought to promote libertarian views about the social condition of women and their emancipation.